

FLÁVIA Z. DA N. COSTA & ANDRÉ L. M. DE S. LEÃO

# O TRABALHO PRODUTIVO DO FÃ DE UNIVERSOS FANTÁSTICOS NA SOCIEDADE DE CONTROLE: UMA REFLEXÃO SOBRE A PRODUÇÃO POLÍTICO- AFETIVA

---

*FAN TRABAJO FANTÁSTICOS UNIVERSOS  
PRODUCTIVOS EN LA SOCIEDAD DE CONTROL:  
UNA REFLEXIÓN SOBRE LA PRODUCCIÓN  
POLÍTICA Y AFECTIVA*

---

*FANTASTIC UNIVERSES FANS' PRODUCTIVE  
WORK IN CONTROL SOCIETY: A REFLECTION ON  
POLITICAL-AFFECTIVE PRODUCTION*

*Recebido em: 18 nov. 2014*

*Aceito em: 23 mai. 2015*

**Flávia Zimmerle da Nóbrega Costa:** Universidade Federal de Pernambuco (Caruaru-PE, Brasil) Professora Assistente da Universidade Federal de Pernambuco (Núcleo de Design do Centro Acadêmico do Agreste). Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Administração PROPAD/UFPE.  
**Contato:** [flaviazimmerle@hotmail.com](mailto:flaviazimmerle@hotmail.com)

**André Luiz Maranhão de Souza Leão:** Universidade Federal de Pernambuco (Recife-PE, Brasil) Doutor em Administração pela UFPE. Professor adjunto do Departamento de Ciências Administrativas (DCA/UFPE) e do Programa de Pós-graduação em Administração (PROPAD/UFPE). Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq.  
**Contato:** [aleao21@hotmail.com](mailto:aleao21@hotmail.com)

ISSN (2236-8000)

## RESUMO

A globalização, as novas tecnologias e os espaços sociais midiáticos promoveram mudanças nas formas do convívio social e reconfiguraram as relações de produção e trabalho. O fã de universos fantásticos surge como uma figura biopolítica produtiva, cuja ação toma forma da multidão. Com o objetivo de entender a possibilidade dessa agência no âmbito do império, discutimos o papel da potência político-afetiva nas singularidades da multidão e nas máquinas desejantes e concluímos que essa é uma peça-chave na dinâmica do espaço social contemporâneo.

**PALAVRAS-CHAVES:** Fã de universos fantásticos; Afeto; Biopolítica.

---

## RESUMEN

La globalización, las nuevas tecnologías y los espacios de redes sociales promueven cambios en las formas de interacción social y reconfigurar las relaciones de producción y mano de obra. El ventilador de universos fantásticos surge como una figura productiva biopolítica cuya acción se forma entre la multitud. Con el objetivo de entender la posibilidad de que la agencia dentro del imperio, se discute el papel de las singularidades de poder político-afectivas en la multitud y en máquinas deseantes y la conclusión de que esta es una parte fundamental en la dinámica del espacio social contemporáneo.

**PALABRAS-CHAVES:** Fan de universos fantásticos; Afecto; Biopolítica.

---

## ABSTRACT

Globalisation, new technologies and their media social spaces promoted changes in the forms of socializing and reconfigured production and work relations. The fantastic universes fans emerges as a productive biopolitics figure, whose action takes shape of multitude. With the aim of understanding that agency possibility within the empire, we discuss the role of political-affective power in multitude singularities and on desiring machines and conclude that this is a key piece in the dynamics of contemporary social space.

**KEYWORDS:** Fantastic universes fans; Affection; Biopolitics.

## INTRODUÇÃO

A atualidade marcada por comunicações globalizadas e tendo por suporte os mais variados tipos de manifestações, fez da pluralidade de realidades a condição de existência de sujeitos em seus cotidianos sociais (CASTRO, 2012; MALINI; ANTOUN, 2012). Com as questões sociais, econômicas e políticas totalmente emaranhadas, se consolidou novas formas de convivência e existência para além das estruturas modernas que delimitaram e asseguraram até então os códigos jurídicos e a vida em comum (HARDT; NEGRI, 2001, 2012).

Na ampliação do espaço midiático de convivência, as novas tecnologias foram fundamentais para o processo de mudança, tendo em vista que possibilitaram a organização de movimentos sociais, agora baseados em processos colaborativos de atuação em torno de causas comuns (BITTENCOURT, 2014). Isso porque o contexto e suas relevantes mudanças reconfigurou as antigas relações de produção e trabalho (HARDT; NEGRI, 2001, 2012).

Assim, a condição é indicativa de uma mudança radical nos modos de agência dos sujeitos no interior de um tempo e espaços socialmente recriados, como as fan pages. Um fenômeno da naturalização desse espaço de convivência e suas múltiplas conexões e experimentações pode estar nas redes temáticas que interligam os fãs de universos fantásticos; esse tipo de fã, totalmente envolvido com os signos do universo a que filia-se, por meio destes constrói seus relacionamentos, posiciona-se nas estruturas sociais e gera sentidos para sua vida.

No dia 23 de agosto de 2012, por exemplo, cento e noventa e duas respostas foram dadas à questão: “O que Harry Potter significa para você?” na fan page HPBrazil<sup>1</sup>. As respostas sugerem como o conteúdo dessa narrativa abastecer experiências cotidianas relevantes, seja a vivência de uma forte amizade: “Harry foi o melhor amigo que eu tive por muito tempo (...)”, a possibilidade de refúgio e reconstrução: “(...) quando sofria preconceitos na escola chegava em casa e mergulhava nesse mundo mágico pra tentar fugir da realidade”, o estabelecimento de um modo de vida: “Significa esperança e valor pela amizade”, ou um meio para fortalecer laços sociais: “Harry Potter é uma parte de nossa infância inesquecível que se transforma em uma parte que viverá sempre no coração de todos os potterheads”. De forma relevante, indicam sobremaneira como esse fã é movido por sua paixão: “Pra vc ter uma ideia, sem oxigênio eu dou um jeito, mas sem harry potter, não dá!”

O fã produz cultura popular a partir da cultura de massa (JENKINS, 2008). Pode-se falar que há uma insistência em participar da construção de conteúdos: os fãs dão continuidade às sagas, exploram novas dimensões das narrativas, se divertem fazendo paródias, ao mesmo tempo em que consomem, divulgam e geram lucratividade aos produtores, pois tornam sucesso todo produto pelo qual se interessam. Desenvolvem produtos e ideias inovadoras; tempo e esforços são investidos nessas redes sociais, responsabilidades morais como preservar a integração são assumidas perante o grupo (que considera de seus verdadeiros amigos), e perante o cânone, onde assumem o papel de guardião de sua autenticidade. Sentimentos como solidariedade, gratidão e reciprocidade são lugar

<sup>1</sup> HPBrazil é perfil de fãs de Harry Potter no Facebook e localiza-se em: <http://www.facebook.com/hpbrazil>.

comum e geram laços afetivos com o cânone e entre os membros do fandom (MASCARENHAS; TAVARES, 2010; SAMPAIO, 2013, ZONEN, 2014); O fandom é o espaço social onde ocorre essa participação ativa dos fãs por meio de várias atividades, entre elas o *cosplay*, os *fanzines* (revista editada por fãs), e os *fanfic*, *fic* ou *fanfiction* (reescrita de contos).

Se por um lado a prática dos fãs tornou-se respeitada e fez instituições e práticas tradicionais mais tolerantes e criadores mais preocupados em oportunizar a participação do fã e monitorar suas comunidades, por outro, esse fã se entende merecedor de utilizar o meio virtual como instrumento para ações coletivas: mobilizam-se para adoração e também para críticas (tanto dos produtos, produtores como das causas sociais), tornando suas vontades decisivas pelo alcance e rapidez com que se articula. Os fãs entendem a questão como um direito à liberdade de pensamento e de ideias próprios de uma sociedade democrática e reivindicam sua posição como cidadãos (JENKINS, 2008; MASCARENHAS; TAVARES, 2010; SPAAIJ; VIÑAS, 2013; TOLEDO, et al., 2013).

Dessa forma, a relação entre emissor e receptor deu sinais de mudanças: ao invés de apresentar-se como “mão única”, ela mostrou-se aberta e participativa. Os fãs como categoria de recepção se organizaram, deixaram de ser submissos, passivos e, portanto, impotentes; os fãs mudaram as formas como os produtos culturais produzidos, distribuídos e consumidos; (JWA, 2012, LEE, 2009; LINGEL; NAAMAN, 2011; PEARSON, 2010; THOMAS, 2011). Sua prática aponta que costumes essenciais para política democrática, tais como informação, discussão e ativismo, foram incorporados; a inteligência afetiva advinda dos laços desenvolvidos nessas relações é vital para manter o envolvimento político e a própria atividade acontecendo (ZONEN, 2014). O fato chama atenção de pesquisadores.

Hoje, muitos estudos despertaram para compreensão dessa forma de agência. Autores consideram o trabalho de Jenkins seminal e, a partir dele, discutem como esse pode ser considerado um novo modelo de produção cultural (BRONWEN, 2001; HARRINGTON; BIRLBY, 2005; SHEFRIN, 2004; THOMAS, 2011). Jenkins (2009) chama de cultura da convergência a plataforma constituída por esses modos de comunicação: coexistência de mídias antigas e novas, e relações antes imprevisíveis que se estabelecem entre consumidor e produtor permitindo acontecer novos modos de participação e colaboração. Recuero (2011) explora a sociabilidade contemporânea mediada pela tecnologia por meio de seu complexo e múltiplo conjunto de fatores e aponta as profundas mudanças sociais que foram geradas a partir de seus usos. Nunes (2014) discute o *cosplay* como uma prática cultural comunicativa e de sociabilidade que parte do consumo de memórias dos textos culturais e os transforma pelo uso inventivo de materialidades, pelo corpo e seus tempos, ampliando a complexidade dos espaços urbanos pela teatralidade pública própria da prática.

Jenkins (2012) se interessa pela prática do fã ativista e discute como um conteúdo ficcional auxilia jovens fãs a se tornarem civilmente engajados e politicamente ativos; vinculado a instituições de caridade, o grupo consegue se mobilizar e arrecadar quantias relevantes para esse fim. O fã se beneficia dessa construção no ganho de um capital social, cria e potencializa vínculos afetivos.

Contudo, seu trabalho vem sendo rentabilizado pelo novo regime tecnológico e econômico: instituições tentam guiá-lo para produção de um trabalho de valor, estimula-o a colaborar e se beneficia financeiramente dos resultados de seu trabalho (HELENS-HART, 2014; THÉBERGE, 2005). Chin (2014) aponta como esse fã, têm assumido funções antes preenchidas por profissionais de relações públicas e de marketing sem qualquer remuneração financeira, e Stanfill (2014) discute o novo Kindle Worlds, um espaço fanfiction para publicar a produção de fãs como produção original e remunerada, inaugurado pela rede Amazon. Sua crítica volta-se para o fato da produção criativa está enraizada no pensamento ocidental como uma propriedade individual e o trabalho colaborativo do fã não cabe nesse modelo de propriedade; para ele esse tipo de tentativa pode quebrar a própria condição de ser fã e seu agrupamento de energias sem a tradição de lucros financeiros, o que considera um motivo de preocupação para o próprio potencial social inventivo.

O fato é que o fã adquiriu importância nessa forma social por seu trabalho criativo e produtivo, e a lógica que permeia essas produções é econômica (CASTRO, 2012). Desse modo, se antes, no cotidiano mundano foi possível entender o adjetivo de forma pejorativa, ou seja, um fã poderia ser considerado alguém fanático por algo e, assim, desprovido de senso crítico, no contemporâneo essa caracterização pode ser reavaliada: hoje, essa paixão o torna consumidor e o conteúdo dessas narrativas abastece sua agência no campo social; uma agência responsável pela produção não apenas de um capital social, mas também do sujeito e do próprio social. No trabalho imaterial do fã são produzidos bens, relações sociais e formas de vida, tudo ao mesmo tempo e biopoliticamente.

Entendemos, portanto, que as sociabilidades promovidas nas experiências de produtos da indústria cultural, são indicativas da condição de produzir-se produzindo o sistema, ou ainda, de um cenário biopolítico de existência, onde essa existência acontece sob a lógica produtivo-econômica do capital. Para Hardt e Negri (2001, 2012) essa possibilidade efetivou-se plenamente na forma social contemporânea de controle, onde a ordem global mantida pela substância política imperial transformou as lutas sociais de poder-resistência. Como os interesses objetivam a potência de pensamento e suas capacidades criativas (o trabalho imaterial), o império tenciona a própria natureza humana, é uma biopolítica. E, se de um lado o poder jurídico é posto sem cessar, de outro, os sujeitos coletivos ou multidão lutam contra o império; como multidão é um conceito amplo e se refere a todo o proletariado que trabalha e produz sob o domínio do capital (CARVALHO, 2012), a possibilidade dessa luta encontra-se na singularidade entre demandas coletivas e a relação é ao mesmo tempo de rejeição e acomodação, de pluralidade e singularização frente à lógica global capitalista, ou seja, é uma relação cultural e política.

A condição de mudanças no cenário é potencializada pelo desejo. Para Deleuze e Guattari (2010) todo agenciamento social se dá em termos de desejo, uma experimentação incessante causada pelo encontro de energias marcadas pelo vivido e pelo devir, desterritorializantes de territórios estabelecidos de subjetividade. Contudo, são os vínculos afetivos que promovem os sentimentos no espaço social: o afeto é a condição para que se estabeleçam emoções e paixões; o trabalho imaterial é, portanto, um

trabalho afetivo (MANSANO, 2009).

Diante do exposto, nosso objetivo volta-se para explorar a possibilidade da forma de agência coletiva e colaborativa no interior do cenário biopolítico de existência; questionamos: como a afetividade torna-se uma força política produtiva estabelecendo condições de existência numa sociedade de controle? Com vistas a explorar a questão, contextualizamos o cenário, a título ilustrativo discutimos como o trabalho imaterial do fã assume uma lógica de produção da multidão, para então nos centramos no papel político exercido pelo afeto nos novos cenários. Supomos, portanto, que o papel exercido pelo plano afetivo seja a possibilidade de singularidade e de potência do desejo, uma vez que o desejo é a própria afirmação da vida.

### O CENÁRIO GLOBAL E BIOPOLÍTICO DE EXISTÊNCIA

É inegável que o fã ou a recepção ganhou destaque e importância em nossas sociedades e, portanto, respeito e poder nesses novos contornos sociais. Contudo, no interior de uma sociedade globalizada (estudada por Hardt e Negri como Império) que com a crise das instituições vem deixando e se reconhecer nos modelos de confinamento (sociedade disciplinar para Foucault), e se mantém como uma forma social de controle contínuo e comunicação instantânea (sociedade de controle para Deleuze), vemos um novo agente lutar pelo que chama de sua liberdade de ação. O fã acredita que tem escolhas e direitos, luta por eles e produz novas formas sociais nessa relação. Contextualizado o cenário, para entender a dinâmica dessa forma de existência e chegar à nossa questão, continuamos com Deleuze que, na companhia de Guattari, desenvolveu uma crítica ao modelo teatral de inconsciente substituindo-o por um modelo mais político e materialista: o das máquinas desejantes, onde as intensidades constituem a vida.

Assim, acreditamos que pensar essas mudanças por meio do conceito de biopoder seja um caminho produtivo para essa reflexão. A trajetória é possível considerando que as sinalizações de que as sociedades não eram mais exatamente disciplinares foi anunciada por Michel Foucault em seus estudos do biopoder; posteriormente exploradas por Gilles Deleuze que indicou as máquinas cibernéticas como parte de agenciamentos coletivos e denunciou a comunicação penetrada pelo dinheiro como uma condição de natureza e não do acaso (DELEUZE, 2008). Recentemente, as reflexões acerca do biopoder foram, por assim dizer, atualizadas por Hardt e Negri que consideram os aspectos das sociedades globalizadas e suas demandas específicas de substância política de ordem imperial.

Hardt e Negri (2001, 2012), desenvolveram a natureza da passagem da sociedade disciplinar para a sociedade contemporânea de controle, relacionando-a aos processos da sociedade pós-moderna. Em sua articulação, os autores apontaram o enfraquecimento da sociedade civil e das funções de instituições sociais modernas, traçando a passagem para o império, a substância política da sociedade de controle, uma ordem de poder global que se constitui um biopoder (HARDT, 2000).

Segundo Foucault (1998), na forma social capitalista moderna, atuaram ao mesmo tempo um biopoder e uma biopolítica com fins de um controle de ordem econômica. A rede de forças investiu diretamente sobre os trabalhadores e desenvolveu um poder sobre suas vidas de duas

formas: uma anátomo-política do corpo (que considerou o corpo como máquina que deveria ser preparada para produção) e uma biopolítica da população (que atuou sobre o corpo biológico controlando entre outras coisas, natalidade e doença, com o objetivo de estender o tempo útil de vida da massa trabalhadora), ou seja, o dispositivo de poder favoreceu a disseminação e hegemonia do modelo social capitalista.

Contudo, para Foucault (1995, 2003, 2009), quando a vida é apropriada pelo capital, ela sempre se revela como resistência, sendo essa uma forma de relação constante, mutuamente produtiva e constituinte da dinâmica social. A ideia foucaultiana da resistência tornou-se central para a teoria do império. Para Hardt e Negri (2012) a guerra e a política não apenas convivem, mas renovam constantemente o sistema. Assim a guerra (princípio do regime de biopoder), é a condição de organização da sociedade e a política um de seus recursos de manifestação.

Entendemos que com o desenvolvimento do modelo capitalista, a relação de controle entre o corpo e suas intensidades produziu no social uma experiência político-econômica juntamente a uma experiência subjetiva e ambas se tornaram uma relação de imanência (DANZIATO, 2010). No caso ilustrativo do fã, podemos ver que as lutas sociais são constituintes e criadoras de espaços de sociabilidade, mas também que todas as transformações desses espaços foram agenciadas pela lógica do capital.

O indivíduo que consome narrativas, produtos e experiências da indústria cultural hoje é conhecido como fã da cultura pop. A cultura pop constitui o conteúdo da chamada cultura de massa, uma forma de cultura que faz parte de um sistema complexo, de ordem capitalista, que integra interesses políticos e econômicos por meio do entretenimento. Desse modo, a expressão: fã da cultura pop é uma adjetivação que denota condições relevantes: primeiro esse é um consumo que se dá norteado por uma condição - a lógica da comunicação midiática de massa; segundo, ao mesmo tempo em que consome esse agente reproduz e dissemina um tipo de cultura: a cultura pop, transformando-a em cultura popular (JENKINS, 2008; MATOS, 2013), ou seja, o fã é um agente do meio ao tornar-se um produtor de cultura, não podendo mais ser entendido como um consumidor passivo (STANFILL; CONDISE, 2014); terceiro, sua possibilidade de atuação no cenário contemporâneo se dá por uma forma singular de agência que é coletiva e colaborativa (HARDT; NEGRI, 2001, 2012).

Entretanto, de forma ampla, a condição deve-se ao interesse dos novos jogos de poder-resistência que mantém e desenvolvem o meio social global, cujo foco é a potência do pensamento e suas capacidades criativas e de sociabilidade. Supomos que as novas formas de sociabilidade operam a construção de subjetividades (CASTRO, 2012), uma vez que a possibilidade de agência do fã implica em que esta seja uma condição reconhecida e de valor para o meio social em que se desenvolve. Com a subjetividade assumindo o papel de fonte produtiva de riquezas, o exercício criativo cotidiano tornou-se alvo do sistema capitalista (MANSANO, 2009). Entretanto, no jogo de forças imanente e produtivo, se por um lado, a energia inventiva cotidiana é recorrentemente sequestrada, por outro as lógicas do capital são assumidas pelo social, e acontece uma intervenção no desejo coletivo que, nesse fenômeno do fã, passa a vincular-se às experimentações

dadas nos produtos culturais, em suas orientações de valores sociais e em suas promessas de pertencimento e conquistas de ideal.

Os fãs produzem fantasias coletivas e lutam pelo direito de uma participação cada vez maior, onde e quando desejam, transformando a cybercultura (TOLEDO, et al., 2013). As plataformas incentivam a interação em ambientes digitais, os produtores incentivam e direcionam as criações e, em suas novas condições de tempo e espaço, as interações mediadas por produtos culturais produzem conhecimentos práticos para a vida cotidiana, produzem uma forma de vida, e promovem a constituição de identidades, pois como os fãs alternam seus papéis no fandom, uns prestigiam os trabalhos dos outros, e assim protegem a si e ao outro e também ao cânone de ameaças de descaracterização (BEZERRA; SANTOS, 2014; SAMPAIO, 2013).

Considerando a condição de atuação global, Hardt e Negri (2001, 2012) indica que luta-se contra o império, pois a exploração deixou de se interessar por atividades produtivas específicas e se voltou para a capacidade universal de produzir, ou seja, voltou-se para a atividade social abstrata e seu poder inclusivo: o trabalho imaterial disseminado nas redes de comunicação. Assim, se de um lado o poder jurídico da ordem imperial é posto continuamente, mas está sempre em crise, de outro, encontra-se a multidão criadora plural de subjetividades de globalização e, ambos os lados de força, determinam uma composição sistêmica e são o movimento positivo de construção do império. O poder desterritorializante desse agente coletivo chamado de multidão é a força produtiva que sustenta o império, apesar de ser uma força que exige a destruição do próprio império.

### **O FÃ COMO SUJEITO PRODUTIVO TOMA A FORMA DA MULTIDÃO**

A figura biopolítica produtiva da multidão surge com a era global de comunicação. A agência coletiva assume a forma da multidão e é capaz de manter o sistema por meio da produção de subjetividades e sua força está na comunicação entre singularidades articuladas nas lutas pelo comum. Para Hardt e Negri (2001; 2012) com as lutas cotidianas por domínios relativos inseridas nas hierarquias de um sistema global, a realidade de cada demanda é singular, mas como está em permanente comunicação com um conjunto amplo de realidades, onde só há espaço para o comum manifestar-se.

Essa condição fica evidenciada no trabalho coletivo de grupos como o Harry Potter Alliance. O grupo promove a prática da cultura participativa moldando o ambiente cultural pela comunicação em rede, estando suas ações embasadas na reconstrução do conteúdo da saga (JENKINS, 2012). A relação revela-se uma reação da multidão à lógica do capital que ao mesmo tempo é também uma acomodação à essa mesma lógica. Tal como ocorreu nesse grupo, recorrentemente comunidades de fãs desconsideram completamente a questão de direitos autorais e/ou institucionais quando se apropriam das sagas para a construção biográfica dos sujeitos; se colocando contra as leis e instituições, reescrevem as narrativas sobrenaturais colaborativamente pelas redes sociais reproduzindo a si mesmo, ao sistema e à própria obra, e assim reforçando os laços afetivos da comunidade. A apropriação indevida dos valores, personagens e narrativas já promoveu

conflitos com regimes de propriedade intelectual, mas a crítica ferrenha a esses e um insistente trabalho em rede, ajudou a transformar as políticas das instituições, gerando um cuidado especial para lidar com esse tipo de fã. Turk (2014) atribui à essa prática a característica de uma economia de partilha: se dá, recebe e se retribui, é uma troca de presentes recíprocos; quando tomam formas tangíveis retornam para o criador da obra como novos objetos a ser explorado, e quando intangíveis, revelam o reconhecimento do fã e valorizam o produto e o produtor. Quando a multidão mantém essa relação lucrativa também não está se acomodando à lógica do capital e colaborando com ela?

Desse modo, o trabalho produtivo da multidão é possibilitado pela forma de existência global (fronteiras abertas e em expansão), pela sobreposição dos planos: político, econômico e cultural, pela valorização da mão de obra comunicativa (trabalho imaterial), e ainda, por uma significativa transformação que ocorreu nos processos produtivos: não existe mais externalidades entre a produção social e a produção econômica, o trabalho e o valor se tornam biopolítico, pois viver e produzir não mais se distingue. A implicação das forças históricas que envolveram o capitalismo aliada a uma subordinação real do trabalho ao capital associou a vida à produção capitalista, consagrando a sociedade de controle (HARDT; NEGRI, 2001, 2012).

A nova condição, portanto, deposita no centro do contexto biopolítico a produção comum, as singularidades, e a multidão surge como uma alternativa identitária para um trabalho imaterial global, diferindo completamente do que se entendia por povo ou por massas na sociedade moderna; enquanto o povo é uno, multidão é múltipla; enquanto as massas mantinham sua essência na igualdade possibilitando à ação comum, a multidão mantém suas diferenças e consegue agir em comum. Esse tipo de agente e de produção não se encaixa no que já foi entendido como público e privado, como individual e social, pois no novo espaço, as singularidades não são apagadas e sim são articuladas, fazendo com que cada movimento seja em si subversivo e os pontos de revolta cresçam junto ao capital e suas redes de produção e controle (HARDT; NEGRI, 2012).

A multidão além de ser um conceito aberto que engloba diferentes classes de trabalhadores (como antecipamos, inclui todo o proletariado que produz sob a lógica do capital), envolve a produção do próprio social. O sistema de trabalho baseado na comunicação, cooperação e colaboração, só pode se dar pelo comum e produz continuamente o comum, criando realidades e significando a existência. Para Hardt e Negri (2001; 2012) a produção biopolítica assenta-se num desejo maior, no desejo de democracia, e diz respeito à produção cooperativa que é ao mesmo tempo cultural e política. Como a vitória plena para tal pleito é impossível, resistir é um trabalho natural e de tempo integral.

Assim, o trabalho imaterial produtivo dos fãs obedece a uma lógica econômica: a informação tem a função de um capital (social e econômico), os fãs exploram, valorizam, colecionam e comercializam esse conhecimento, usam-no para se inter-relacionar, articular forças e/ou se posicionar no campo social; em suas interações produzem mais conhecimento, reconstruindo constantemente a si mesmo e a sua forma de vida, endossando a lógica do sistema, mas também o atualizando. Seu

trabalho vem sendo alvo de ganhos financeiros e toda produção se dá por meio do consumo e biopoliticamente: sujeito, sistema e formas de vida.

Esse tipo de trabalho como o do fã, naturalizou os horários flexíveis e móveis da produção social e a síntese política se dá nas máquinas de comunicação: é lá onde se produz e cria as subjetividades do tecido político, subjetividades globais. A sobreposição entre o viver e o produzir aponta a força da indústria cultural na construção dos vínculos sociais: a cultura de massas abastece o cotidiano de imagens e modelos míticos de um mundo ficcional e o imaginário deste mundo contribui para configurar o mundo real (ou como afirma Jean Baudrillard, hiper-real?) do sujeito-fã. Assim, a estreita relação entre o social e o político abriu espaço para a plena atuação biopolítica. Entretanto, como vínculos sociais podem se estabelecer constituindo as singularidades produtivas da multidão?

#### A POSSIBILIDADE: UMA CONQUISTA NO PLANO POLÍTICO-AFETIVO

Como antecipamos, os meios sociais digitais nos tempos de globalização se constituíram um relevante facilitador para essas novas formas de sociabilidade, mas o exercício criativo cotidiano tornou-se o novo alvo do sistema capitalista (MANSANO, 2009). A questão não deve dar lugar à simplificações de entendimentos. Recuero (2011) alerta que justificar as reorganizações de agrupamentos sociais com base apenas no papel das novas tecnologias leva otimistas a comemorarem os benefícios da mesma para as comunidades virtuais como fonte de solidariedade e igualdade social, e os pessimistas a denunciar o ciberespaço como lugar de hipocrisia e más intenções.

Entretanto, sob outro olhar, Barreto (2013) reforça que o ciberespaço é um local de extensão da vida, pois sua possibilidade está na organização das redes afetivas. Assim, numa cultura onde o valor se volta para o trabalho social imaterial, toda a potencialidade produtiva encontra-se na ação de permitir-se afetar e ser afetado.

Para Azevedo (2011) o indivíduo afeta e é afetado incessantemente por outros corpos em suas experiências sociais, onde cada corpo vive essa experiência de um modo particular. A potência de afetar e ser afetado faz o corpo assumir uma forma singular, ou seja, o mesmo é concebido pelos afetos de que é capaz. Assim cada indivíduo é, ao mesmo tempo, uma unidade de composição e um conjunto de composição e a vida torna-se uma experimentação contínua.

Para pensar o que está em jogo entre uma identidade e uma singularidade no campo social contemporâneo, Azevedo (2011) baseia-se em Deleuze, para quem o indivíduo é sempre um produto dos encontros de que participa, que por sua vez apoia-se em Spinoza, para quem as potências aumentadas ou diminuídas variam entre afetos alegres ou tristes. A autora conclui que, tomar uma forma identitária é assumir uma forma pronta e, diferentemente, conquistar a singularidade encontra-se em permitir afetar e ser afetado, possibilitando a autonomia (que só se estabelece na variação de afetos) e a criação modos distintos de vida.

O afeto depende dos encontros a que se expõe, espaço onde potencial e continuamente novas relações podem ser produzidas (AZEVEDO, 2011). O afeto pode ser entendido como uma espécie de força contínua que atua

na existência, e sua variação é determinada pelas ideias que atravessam o social como uma “onda de choque” e que leva a pensar e a perceber diferentemente do que se fazia (LIMA; ALVARENGA, 2012; ROCHA; KASTRUP, 2009). Lima e Alvarenga salientam que não se trata de um dado subjetivo, mas de uma condição para que alguns dados subjetivos como emoções ou paixões se estabeleçam, tal como observamos no fenômeno dos fãs. Por sua vez, Rocha e Kastrup enfatizam que o afeto não é de ordem interior ao sujeito, existindo para além dele, cortando transversalmente toda a malha social.

Para Mansano (2009) o próprio trabalho imaterial é um trabalho afetivo; a autora exemplifica que na indústria do entretenimento o que se disponibiliza como produtos são as experiências de satisfação, excitação e paixão. Assim, se o trabalho imaterial dos fãs de universos fantásticos é construído por vínculos afetivos promotores de paixões e emoções, supomos que seja essa a possibilidade para que se articulem as singularidades que fazem frente ao sistema global. Porém, o papel de tais afetos é mais amplo; eles potencializam a própria máquina produtiva do desejo, que por sua vez prescindem de materialidades de onde possa extrair as particularidades que alimentam as composições que lhes são constituintes (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

As materialidades suprem tanto as máquinas do desejo, como possibilitam ao sujeito empreender a aventura afetiva nesse plano maquínico. No caso dos fãs, não estaria no conteúdo desses universos esse alimento para as máquinas do desejo? Também não estaria apoiada nesses conteúdos a possibilidade do “afetar e deixar ser afetado” para produção desse trabalho imaterial coletivo? Afinal, esse sujeito precisa construir sentidos para seu passado e presente desenhando seu futuro, promovendo a dinâmica do meio social.

Contudo, se o trabalho afetivo é o trabalho imaterial e depende dos encontros a que é submetido, e esse trabalho é uma linha de força atuante na produção de subjetividades e também do sistema num cenário biopolítico, como é possível se dar a variação desse afeto? Como uma força proveniente dos encontros nesse contexto é capaz de impulsionar essa construção nova do pensamento? Gilles Deleuze e Félix Guattari nos respondem as questões ao indicar qual o papel dos afetos no desejo, e o processo do desejo no agenciamento do campo social.

#### O PAPEL DO AFETO E DAS MÁQUINAS DESEJANTES NA EXISTÊNCIA

Primeiramente é preciso considerar que a dinâmica do social deve-se a constante oposição entre produção e antiprodução de pensamentos, totalmente apoiada por máquinas<sup>2</sup>, que produzem incessantemente homem e natureza, desejo e social, a própria realidade. As máquinas desejantes investem nas máquinas sociais e constituem seu inconsciente, ao mesmo tempo em que se alimentam delas e as tornam possíveis, sendo essa uma atividade produtiva e imanente (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

É com base em Nietzsche, que o desejo é afirmação da vida, onde o objetivo maior é o de emancipação das forças sociais coercitivas (como as ideologias, o capitalismo), dadas por linhas de fuga; mas a positividade encontra-se aliada à potência ativa de Spinoza, a fonte

<sup>2</sup> As máquinas podem ser de duas naturezas: desejantes e técnicas sociais; as desejantes são simultaneamente técnicas e sociais. Existe entre as máquinas uma distinção apenas de regimes, que equivalem ao funcionamento do inconsciente e determinam sua funcionalidade e finalidade (DELEUZE; GUATTARI, 2010).

afetiva das transformações revolucionárias. Assim, máquinas desejanter são potencializadas pelo corpo que se deixa afetar por acontecimentos externos. Nesse sentido, o afeto seria para a condição de “ser” fã essa força intensiva que brota da virtude da doação, dessa entrega desmedida aos encontros, capaz de despertar toda a sorte de sentimentos e de criar o que Deleuze chama de vontade de potência, uma pura intensidade que surge na combinação do outro corpo com o seu e lhe permite recriar a partir do encontro, capturar partes do mundo para construir sua existência, uma espécie de pulsão germinal que impulsiona uma insistência em viver. A vontade de potência deve-se ao envolvimento de uma sensibilidade, pois o desejo e o corpo são forças de atração e repulsão de intensidades. Como tudo nessa dinâmica é vivido, se deseja em um conjunto, se deseja sempre num contexto de vida (DELEUZE; GUATTARI, 2010). Desejar, portanto, é sempre agenciar e, ao agenciar, o desejo produz o inconsciente e desterritorializa “[...] os territórios pré-estabelecidos da subjetividade e dos meios sociais” (SANCHES, 2008, p.54).

O desejo torna-se uma experimentação incessante apoiada numa espécie de sistema de corte-fluxo. Mas a natureza do desejo é revolucionária; o desejo não permite armazenar fluxos em nenhuma ordem pré-estabelecida, pois não é essa a forma produtiva do inconsciente. Para Deleuze e Guattari (2010) o inconsciente se caracteriza não apenas por sua extensão com o campo sócio histórico, mas pela falta de hierarquia entre os elementos que atuam no mesmo como máquinas autônomas.

Todo desejo procede da causalidade de um encontro de energias que são livres e controladas e é marcado pelo devir, pois o presente vivido para Deleuze já constitui um passado e um futuro (DAVID-MÉNARD, 2007). Assim, o passado, o futuro e os modos de imaginação são sempre presente, pois são afecções ou resultados de ação dos corpos sobre o corpo. O presente, portanto, é resultado mesmo da afecção e de sua inconstância (SOUZA, 2012). Deleuze entende o desejo como uma resposta produtiva à vida, como máquina produtiva formada por máquinas, mas admite que sua negatividade pode ser promovida por meios ideológico com fins de racionalização da situação social (PEIXOTO JÚNIOR, 2004).

É que no trabalho incessante das máquinas, as máquinas desejanter atuam desestruturando as organizações formadas e possibilitando combinações inéditas. As máquinas sociais se opõem diretamente as conexões desejanter e delas se apropria imediatamente tentando promover ligações estáveis compondo copos sociais e formas organizadas que ficam cada vez mais cristalizadas (SANCHES, 2008).

Entretanto, presente em todo processo está o corpo sem órgãos, uma espécie de energia ou de superfície de registro de potencialidades. Esse insere desarranjos e desfuncionalidades nas composições das máquinas, se opõe as ligações, as repele, se presta como superfície para juntar o que não se destinava a estar junto, produzindo pensamentos inéditos e prevenindo qualquer organização de tornar-se permanentemente fixa. Desse modo, uma superfície de registro que se cristaliza sobrepõe-se ao corpo sem órgãos, mas jamais o substitui, ou seja, mesmo que a antiprodução interrompa as conexões produtivas sobre o corpo sem órgãos, a síntese ocorrida já promoveu o registro de suas possibilidades, o que acaba multiplicando essas conexões, pois os elementos são marcados pela sua possibilidade de

devir na relação com os outros elementos (DELEUZE; GUATTARI, 2010). Um bom exemplo de superfície que se cristaliza estaria na apropriação das forças de criação do fã pelo capital como algo legitimado, como se pode ver no incentivo e direcionamento que os produtores constantemente buscam dar a essas produções; já as novas possibilidades surgem a partir das lutas contra as determinações que daí provém, na dobra da força.

A parte intensiva do pensamento é faculdade da imaginação: só ela transgride os domínios e alcança a unidade da natureza e do espírito, e depois retorna afetando o Ser. Para Deleuze o pensar afeta o ser, tendo em vista que vêm da criação humana a contribuição ativa de novas crenças e possibilidades do imaginário coletivo; por meio da imaginação o ser se torna pensar e o pensar se torna ser (LAERKE, 2013). Dessa forma, sendo o campo de forças múltiplo, “o desejo é menos uma luta para monopolizar o poder do que uma troca que intensifica e prolifera energia num estado de excesso” (PEIXOTO JÚNIOR, 2004, p.124). A troca de forças é, assim, constitutiva do desejo e o social é abundante de desejo de afirmação da vida.

Como a perspectiva deleuziana é construída em termos culturais e políticos, as diferenças não se encontram nos momentos do desejo externamente relacionadas entre si; encontram-se em diferenciais positivos de força que são constitutivos. Toda transgressão é positiva, pois é criadora de novas possibilidades estéticas e éticas de existência (PEIXOTO JÚNIOR 2004). O autor salienta que a vontade de potência resiste à uma unificação dos afetos; a possibilidade vital de resistência encontra-se exatamente na multiplicidade afetiva.

O campo social de forças assim colocado é a condição de expansão da vida. A possibilidade de variação do afeto encontra-se, portanto, na própria condição revolucionária do desejo e sua forma esquizoide de organização de múltiplos fluxos de máquinas autônomas. O desejo como afirmação da vida promove a dinâmica do social, um social dinamizado pela política-afetiva, um social que existe apenas porque se deseja desejar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa reflexão acerca do trabalho produtivo das novas formas de socialização na sociedade global de controle, levou-nos a questionar a possibilidade da forma singular de agência de sujeitos no interior do cenário biopolítico de existência. Ao analisarmos a força do afeto no plano do desejo percebemos que é graças a sua multiplicidade que efetiva-se a possibilidade vital de resistência no interior do jogo de forças que sustenta o social. A condição da singularidade da multidão dá-se porque os vínculos afetivos fazem fruir sentimentos que são alvos de identificação, abastecendo de sentidos a produção social; No caso dos fãs, os produtos da indústria cultural são a materialização de que o desejo prescinde para atravessar a malha social. Por sua vez, a variação do afeto é possível porque afetos e devires são irredutíveis ao vivido, estando vinculados à imaginação e ao pensamento, ou seja, no presente estão o passado e o futuro como possibilidades.

Embora o contexto biopolítico sedie a existência por meio de subjetividades no sistema capitalista, para Deleuze (1994), o que o biopoder

faz é operar a permanente reterritorialização do corpo, ou seja, o biopoder estaria sempre do outro lado no jogo de forças em que está o afeto que, desterritorializante, atua como potência produtiva nesse jogo de poder-resistência que constitui o social. Nas desterritorializações promovidas pelo jogo afetivo, as linhas de fuga são o mesmo que as linhas de resistência, e são traçadas na imanência do desejo coletivo; a tensão entre essas linhas forças assegura o campo social e conduzem a expansão da vida, por possibilitar o surgimento de novas produções subjetivas (SOUZA; BIANCO, 2011).

Nesse sentido, para Deleuze (1994, p.5) o que está em questão é que não se deve colocar primeiro o estatuto da resistência como propositadamente o fizemos ao questionar agência e existência, pois sendo o desejo que agencia o campo social, são esses agenciamentos que produzem os dispositivos de poder. O poder é, assim, uma afecção do desejo, e os agenciamentos coletivos possuem outras dimensões além dos dispositivos de poder. Desse modo, deve-se entender que “um campo social não se contradiz, mas ele foge, e isso é primeiro”. O desejo se confunde com as linhas de fuga, pois constitui “as pontas de desterritorializações nos agenciamentos do desejo”.

Considerando que o desejo é processo, é biológico, político e coletivo, a potencialização da vida se dá por meio de uma metamorfose imanente onde o desejo é a força motriz; a própria vida é um plano de imanência do desejo, e o afeto coloca-se como o sentimento que potencializa e dissemina esse desejo no corpo social. Voltando ao trabalho imaterial do fã no cenário biopolítico, podemos entender que sua agência encontra-se apoiada numa intervenção sofrida pelo desejo coletivo oriunda da evolução do sistema capitalista, que se alimenta das materialidades de experimentações dadas nos produtos culturais. Se olharmos para o corpo considerando os afetos que lhe compõe, percebemos que essa ética constrói-se com base na lógica do capital.

Porém, para melhor discernirmos a dinâmica do social a partir desse fã e seu contexto de existência potencializado pelo afeto, recorreremos as colocações de Souza (2012, p.5) que difere o “ver perto” do “ver de perto”; para ele o perto e o longe é distancia absoluta da ordem do afeto, por isso ultrapassa a separação entre sujeitos e objetos, e une pessoas e vivido como uma necessidade. Assim, afirma que “Ver de perto faz nascer um afeto fruto da afecção, mas ver perto é experimentar um afeto que nasce imediatamente da compreensão. Ver perto é ser tocado e tocar a ideia daquilo que compreendemos, tal como o artista vê perto a obra”.

Dito isso, se por um lado, as relações de produção (fãs e sistema) objetivam a exploração da dimensão criativa da vida, por outro, a própria vida é dinamizada por uma troca intensa de conhecimentos, assumindo movimentos de construção e desconstrução, onde uma multiplicidade de sujeitos, ao ver perto, colabora com habilidades variadas, promovendo a vitalidade social e potencializando o exercício do afetar e ser afetado. Concordamos com Mansano (2009): a agência é possibilitada porque o que cresce nesse cenário é o desejo de ampliar cada vez mais as conexões e produzir cada vez mais novas possibilidades de resistência. Para a autora, sob essa ótica, é a vida que nutre o capital e o sistema opera uma força parasitária de exploração.

Contudo, como entendemos que essa seja uma relação imanente e produtiva, o fato é que agentes da pós-modernidade são sujeitos por

meio dos produtos da indústria cultural e a peça-chave dessa condição está no seu trabalho político-afetivo. Está na organização da força política afetiva a condição para que os sentimentos se estabeleçam, se articulem as singularidades, se produzam novas subjetividades, se potencialize o desejo e se faça frente ao capital e sua ordem global, possibilitando que se dê a expansão da vida.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO, A. B. A arte dos afetos em Deleuze e Espinosa. Revista Alegrar, nº. 07, Set/2011.

BARRETO, M. C. R. Amizade virtual: sociabilidades e laços afetivos na internet, UFPI, XV Encontro de Ciências Sociais do Norte e Nordeste e Pré-Alas Brasil, Teresina, 2012. Anais.... Disponível em: <<http://www.sinteseeventos.com.br/ciso/anaisxvciso/resumos/GT03-35.pdf>> Acesso em 20 jul. 2014.

BEZERRA, L. L.; SANTOS, R. B. dos. Um estudo sobre vlogs e sua influência na cultura participativa. XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste INTERCOM, João Pessoa, 2014. Anais eletrônicos... João Pessoa: UFPB, 2014. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-0226-1.pdf>> Acesso em: 20 abril 2015.

BITTENCOURT, M. C. A. A midiatização do ativismo nas coberturas do G1 e do mundo ninja. Comunicação, Mídia e Consumo, ESPM, v. 1, n.30, 2014.

BRONWEN, T. What Is Fanfiction and Why Are People Saying Such Nice Things about It? In: Journal of Narrative Studies, v. 3, p. 1-24, 2011.

CARVALHO, D. Jornalismo de multidão: a resistência da rede Indymedia. Revista Fronteiras: Estudos Midiáticos, UNISINOS, v.14, n.2, 2012.

CASTRO, G. G. S. Entretenimento, sociabilidade e consumo nas reder sociais: cativando o consumidor-fã. Revista Fronteiras: Estudos Midiáticos, UNISINOS, v. 14, n.2, 2012

CHIN, B. Sherlockology and Galactica.tv: Fan sites as gifts or exploited labor? Transformative Works and Cultures, v.15, 2014.

DANZIATO, L. J. B. O dispositivo do gozo na sociedade do controle. Psicologia & Sociedade, UFRGS, v.22, n.3, 2010.

DAVID-MÉNARD, M. Repetir e inventar segundo Deleuze e segundo Freud. Discurso, USP, v.36, 2007.

DELEUZE, G. Désir et plaisir. Magazine Littéraire, Paris, n.325, 1994.

\_\_\_\_\_. Controle e Devir: Futur Antérieur, nº1, primavera de 1990, entrevista a Toni Negri. In: Conversações. São Paulo: Editora 34, 2008

\_\_\_\_\_.; GUATTARI, F. O Anti- Édipo: capitalismo e esquizofrenia I. São Paulo: Editora 34 Ltda., 2010.

FOUCAULT, M. Do governo dos vivos. Curso no Collège de France (1979-1980). São Paulo: Centro de cultura Social, 2009.

\_\_\_\_\_. Poder e saber. In: FOUCAULT, M. Ditos e escritos IV: Estratégia, poder-saber. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_. História da sexualidade II: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

\_\_\_\_\_. O sujeito e o poder. In: H.L. DREYFUS, P. RABINOW. Michel Foucault: Uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

HARRINGTON, C. L.; BIRLBY, D. D. New Directions in Fan Studies. American Behavioral Scientist, v. 48 n. 7, p.799-800, March 2005.

HARDT, M. A sociedade mundial de controle. In: E. ALLIEZ. Gilles Deleuze: uma vida filosófica. São Paulo: Editora 34, 2000.

HARDT, M.; NEGRI, A. Multidão: guerra e democracia na era do Império. Rio de Janeiro: Editora Record, 2012.

HARDT, M.; NEGRI, A. Império. Rio de Janeiro: Editora Record, 2001.

HELENS-HART, R. Promoting fan labor and “all things Web”: A case study of Tosh.0. Transformative Works and Cultures, v.15, 2014.

JENKINS, H. Cultural acupuncture: fan activism and the Harry Potter Alliance. Transformative Works and Cultures, v.10, 2012. Disponível em: <

\_\_\_\_\_. Cultura da Convergência. São Paulo: Aleph, 2008.

JWA, S. Modeling L2 write voice: discursal positining in fanfiction writing. Computers and Composition, v.29, p. 323–340, 2012.

LAERKE, M. Gilles Deleuze e o sistema da natureza e da filosofia. Revista Alegrar, UNICAMP, v.2, 2005.

LEE, H. Between fan culture and copyright infringement: manga scanlation. In: Media, Culture & Society, v.31, n.6, p.1011–1022, 2009.

LIMA, M. X.; ALVARENGA, N. A. O afeto em Deleuze: o regime cristalino e o processo afetivo da imagem-tempo no cinema. ESFERAS, UCB, volume v.1, n.1, 2012.

LINGEL, J.; NAAMAN, M. You should have been there, man: live music, DIY content and online communities. In: New Media & Society, v.14, n.2, p.332-349, 2011.

MALINI, F.; ANTOUN, H. Monitoramento, vazamentos e anonimato nas

revoluções democráticas das redes sociais da internet. *Revista Fronteiras: Estudos Midiáticos*, UNISINOS, v.14, n.2, 2012.

MANSANO, S. R. V. Transformações da subjetividade no exercício do trabalho imaterial. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, UERJ, v.9, n.2, 2009.

MATOS, P. Consumo, curadoria e a construção de mapas de importância na cultura nerd. X POSCOM: Seminário dos alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC, Rio de Janeiro, n.10, 2013. *Anais...* Rio de Janeiro, RJ, 2013.

NUNES, M. R. F. A emergência da cena cosplay nas culturas juvenis. *Significação*, São Paulo, v.41, n.41, p.218-235, 2014.

PEARSON, R. Fandom in the digital era. In: *Popular Communication*, v. 8, p.84-95, 2010

PEIXOTO JÚNIOR, C. A. A lei do desejo: Transgressão da ordem ou afirmação da diferença? *PHYSIS: Rev. Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v.14, n.1, 2004.

RECUERO, R. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

ROCHA, J. M.; KASTRUP, V. Cognição e emoção na dinâmica da dobra afetiva. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v.14, n.2, 2009.

SAMPAIO, T. N. Produção de sentido através de dinâmicas interacionais em sites de fanfictions de Harry Potter e Crepúsculo. X POSCOM - Seminário dos Alunos de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUC-Rio, 2013, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro: PUC, 2013, p.1-15.

SANCHES, A. Máquina, corpo sem órgãos e pulsões: um diálogo entre o Anti-Édipo de Deleuze e Guattari e a metapsicologia freudiana, 2008. São Carlos, SP. Dissertação (Mestrado). Centro de educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, 2008, 128p.

SHEFRIN, E. Congruencies between the internet and media entertainment culture. *Critical Studies in Media Communication*, v. 21, n. 3, p. 261-281, September 2004.

SOUZA, E. L. L. Espinosa, Deleuze & Guattari: o desejo como metamorfose. *Revista ALEGRRAR*, v.10, 2012.

SOUZA, E. M.; BIANCO, M. F. Subvertendo o desejo no teatro das organizações: problematizações contemporâneas sobre o desejo e a expansão da vida nas relações de trabalho. *Cadernos EBAPE.BR*, v.2, 2011.

SPAAIJ, R.; VIÑAS, C. Political ideology and activism in football fan culture in Spain: a view from the far left. *Soccer & Society*, v. 14, n. 2, p.183-200, 2013.

STANFILL, M.; CONDIS, M. Fandom and/as labor [editorial].

Transformative Works and Cultures, v.15, 2014.

STANFILL, M. Symposium: Fandom, public, commons. Transformative Works and Cultures, v.14, 2013.

THÉBERGE, P. Everyday fandom: fan clubs, blogging, and the quotidian rhythms of the internet. Canadian Journal of Communication Corporation, v.30, p.485-502, 2005.

THOMAS, B. What is fanfiction and why are people saying such nice things about it? Journal of Narrative Studies, v.3, p. 1-24, 2011.

TURK, T. Fan Work: Labor, Worth, and Participation in Fandom's Gift Economy. Transformative Works and Cultures, v.15, 2014.

ZOONEN, L. Imagining the fan democracy. European Journal of Communication, v.19, n.1, p.39-52, 2004.